

A MULHER NA POESIA DE CASTRO ALVES THE WOMAN IN THE CASTRO ALVES' POETRY

1. VALERI, C.; 2. ALBINO, L. C. D.
Faculdades de Letras/FIO/FEMM

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo demonstrar como, em sua poesia lírico-amorosa, Castro Alves enaltece a presença da mulher, ilustrando as peculiaridades dessa figura em suas poesias, durante a década de 1870. A partir dele, toda a poética envolvendo a mulher, como fonte de inspiração, adquiriu novas feições, nas quais a forma feminina real e humana substituiu a musa idealizada, inatingível e apenas sonhada. Castro Alves foi destaque absoluto na arte de cantar a mulher, em suas poesias, tanto que inaugurou essa nova fase, apresentando ao público um astro repleto de sentimento e sensualidade. O poeta cantou as mulheres, nas mais latas acepções do termo, esboçando, dessa forma, os reflexos de uma alma repleta de exaltação juvenil. No poema “*Os Anjos da Meia Noite*”, por exemplo, destaca aspectos como a sensualidade, a pureza virginal e a frieza desse ser ambíguo.

PALAVRAS CHAVE: Mulher – Musa – Poesia

ABSTRACT

The current article has as an objective to show how, in his lyric-lover poetry, Castro Alves brings out the presence of the woman, illustrating the peculiarities of this figure in his poetries, during the decade of 1870. From it on, all the poetical ones involving the woman, as an inspiration source, acquired new flavors, in which the real feminine and human form substituted the idealized muse, unattachable and only in dreams. Castro Alves was an absolute prominence in the art of singing the woman, in his poetries, as much he opened this new phase, presenting to the audience one star full of feeling and sensuality. The poet sang the women, in the most thorough meanings of the term, sketching, therefore, the consequences of a soul full of young people's exaltation. In the poem “*Os Anjos da Meia Noite*”, for instance, aspects as the sensuality, the virginal pureness and the composure of this ambiguous being are brought out.

KEYWORDS: Muse – Poetry – Woman

INTRODUÇÃO

A presença feminina na literatura é algo que impressiona e aguça a curiosidade de pesquisadores de todos os tempos. Nenhum tema foi tão explorado como fonte primária de inspiração como a mulher. É indiscutível a supremacia das delicadas e ousadas formas femininas nas poesias dos maiores poetas e escritores que, imersos em pura sensibilidade, reproduziam essas formas e contornos, delineando e moldando-os como se fossem receber o sopro da vida e entrar para o mundo real, a cada verso lido. Com o passar dos anos, a poesia tomou novas formas e estilos, mas a inspiração ainda continua a vir das musas, com uma ressalva: os poetas abandonaram a crença nas musas mitológicas e passaram a se inspirar na mulher, encontrada no mundo real, mesmo que idealizada.

Na literatura brasileira, a idealização da mulher se estendeu até o Romantismo, momento em que a palavra musa transformou-se em sinônimo de pura

inspiração e encontrou terreno perfeito para alçar vôo na imaginação dos poetas devido às características do período: lirismo e subjetivismo extremo.

Nesse período, a poesia romântica seguia os padrões definidos pelo estilo ultraromântico, liderado por Álvares de Azevedo e Cassimiro de Abreu, cuja demonstração de sentimentos baseava-se na idealização da mulher, elevando a figura feminina a uma posição sublime, inatingível, ou seja, platônica. Somente no final do século XIX, mais precisamente na década de 1870, a mulher passou a ser cantada com ênfase na forma humana, pelo baiano Castro Alves. Conforme nota do crítico Alfredo Bosi (1989: p.132): “Castro Alves será novo pelo *epos* literário e, apesar das influências confessadas de Varela e Gonçalves Dias, será novo também nos versos de substância amorosa pela franqueza no exprimir seus desejos e os encantos da mulher amada”.

Constatada a forma incisiva com que Castro Alves insere a mulher em sua poesia lírica amorosa, nota-se que essa face de sua poesia não é tão explorada quanto a da poesia social. Sendo assim, na maioria das bibliografias consultadas, prevalecem notas e comentários referentes ao Poeta dos Escravos e não ao Poeta Lírico, dessa forma justifica-se a elaboração deste artigo, o estudo dessa peculiaridade da poesia lírica amorosa castroalvina, a ênfase na mulher.

Entretanto, qual seria o verdadeiro motivo dessa transformação? Sobre essa questão duas hipóteses são admitidas: A primeira direciona à idéia de que as experiências amorosas vivenciadas pelo poeta, incluindo a paixão pela atriz Eugênia Câmara inflamou seu estro; e a segunda direciona a uma possível influência realista em suas poesias, visto que, na década de 1870, já se observam os primeiros alardes do Realismo. Para efeito de delimitação do presente artigo, somente se abordará a primeira hipótese.

Constatados os argumentos que asseguram a posição de destaque da mulher na lírica amorosa de Castro Alves, optou-se por fazer a exposição em apenas uma seção denominada “A Mulher” no Poema “Os Anjos da Meia Noite”. A seção será dedicada à apresentação de algumas características da mulher castroalvina, destacando a proximidade física da musa com o eu-lírico, a sensualidade e o erotismo.

Conscientizado sobre a extensão do material pesquisado, a infinidade de nuances que podem ser estudadas, aliadas à experiência ainda insuficiente do autor da pesquisa, considera-se este trabalho realizado ao oferecer, mesmo que em

pequena quantidade, elementos substanciais para eventuais estudiosos e admiradores do poeta.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a pesquisa, foram coletadas informações em obras específicas e materiais eletrônicos, respeitando a fidelidade ao tema e ao autor. A pesquisa foi iniciada coletando-se opiniões e pareceres de críticos consagrados, na intenção de compreender o momento histórico e as características peculiares de cada movimento literário, principalmente o Romantismo. Após a contextualização histórica, deteve-se cuidadosamente na análise do poema “Os Anjos da Meia Noite”, de Castro Alves, que faz parte da obra *Espumas Flutuantes*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos foram expressivos e descobriu-se que a mulher é figura constante na poesia lírica amorosa de Castro Alves e que há várias peculiaridades sobre ela nos seus poemas. Notou-se também, na pesquisa bibliográfica realizada com obras de críticos renomados, travando-se uma discussão acalorada entre o autor da pesquisa e as opiniões de tais críticos, a existência de uma possível proximidade entre o poeta e suas musas.

DESENVOLVIMENTO

A Mulher no Poema “Os Anjos da Meia Noite”

Após a geração indianista de Gonçalves Dias e a ultraromântica de Álvares de Azevedo e Cassimiro de Abreu, coube a Castro Alves, o condoreiro, muito conhecido pelos versos inflamados, eloqüentes, de cunho abolicionista, direcionar a sua poesia ao lirismo amoroso com ênfase na figura da mulher. Segundo Moisés (1984: p.240), sua sensibilidade aguçada fez com que seu estro buscasse outro tema, encerrando a fase abolicionista coroada pelos melhores poemas engajados da literatura brasileira: “Desposta a máscara dramática, à qual transferira seu *pathos*, pode erguer a voz para confessar, em versos de inconfundível nitidez e vigor, sua interioridade repassada de sentimento, agora dirigido à mulher, em lugar do cativo”.

Na fase lírica amorosa castroalvina, nota-se uma poesia madura, despida de toda angústia pueril ultraromântica. Nela, a mulher não faz parte dos sonhos lascivos ou dos devaneios do eu-lírico torturado pela sombra da morte. Ela é enaltecida de forma donjuanesca, em versos simples, claros e diretos, sugerindo uma poesia íntima, sentimental e extremamente sensual que denuncia a estreita relação entre o poeta, o eu-lírico e a mulher.

Nessa nova fase, o poeta canta a musa com extrema sensualidade, de forma a interagir com os sentidos. Confirma essa afirmação o crítico Alfredo Bosi (1989: p.132), no fragmento: “Com ele fluem sem meandros as correntes de uma renovada lírica erótica, tanto mais forte e limpa quanto menos reclusa no labirinto de culpas sem remissão”.

Sabe-se que o poeta era um eterno enamorado e cultivou vários relacionamentos amorosos. Sendo assim, sugere-se que o ponto de partida para o seu lirismo, pode ter sido provocado por uma paixão avassaladora, como a que vivenciou com a atriz Eugênia Câmara, uma de suas musas. Com Eugênia ele teve um conturbado relacionamento, misturando ardor e ódio, sentimentos que podem ser observados em algumas de suas poesias como “A Uma Atriz” e “Immensis Orbibus Angui”. Segundo Lajolo e Campedelli (1980: p. 103), “a poesia amorosa de Castro Alves é passional, isto é, motivada pela paixão, pelo envolvimento do poeta. Não é, portanto, uma poesia de queixas amorosas, de lamentações: é uma poesia mais exigente, mais forte”.

O eu-lírico dos poemas de Castro Alves se apresenta livre dos resíduos melancólicos próprios da lírica ultraromântica e em versos de extrema simplicidade. Porém, repletos de romantismo e sentimentalismo, ecoam como num devaneio. O estro delirante do poeta clama pelo retorno das sombras de seu passado, representando as mulheres cantadas durante o poema “Os Anjos da Meia Noite”:

Almas, que um dia no meu peito ardente
Derramastes do sonho a semente,
Mulheres que eu ameii!
Anjos louros do céu! Virgens serenas!
Madonas, Querubins ou Madalenas!
Surgi! Aparecei!

Como se observa, a fascinação pela mulher é algo que abrilhanta toda a poesia castroalvina. O poeta as enaltece sem distinção de cor, etnia ou posição social. Sendo assim, nota-se que, ao liberar sua inspiração, essa fatalmente o

conduz ao nome de uma mulher. As imagens provocadas pelos seus versos são tão intensas que não permitem outra interpretação se não a de que o eu-lírico se refere às experiências amorosas do próprio poeta. Segundo Moisés (1984: p.240):

a sensibilidade se casa aos sentidos, as percepções às representações idealizantes, e do consórcio brota o melhor lirismo, semelhante àquele que principia na Idade Média com a cantiga de amor e atinge os nossos dias, sempre igual nas roupagens diferentes que enverga no curso do tempo.

O poema “Os Anjos da Meia Noite” é datado de agosto de 1870, apenas alguns meses antes da morte do poeta, período em que esse já não esperava longevidade à sua vida. Castro Alves se irmana ao eu-lírico em expansividade, valorizando a sensualidade ao extremo, clamando pela volta de seus amores, entregue às sombras do seu passado. A figura feminina foi abordada como a mulher sensual, de coração latente que submete o eu-lírico a intensos devaneios.

O soneto dedicado a Marieta se refere à mulher fogosa e desejosa, porém, proibida, suplicando por noites de amor intenso, sensual, completamente descontrolado de seus sentidos, misturando surpresa, pranto e medo.

Afoga-me os suspiros, Marieta!
Ó Surpresa! Ó palor! Ó pranto! Ó medo!
Ai! Noites de Romeu e Julieta!...

Já em “Bárbara”, o eu-lírico descreve a beleza da musa, estabelecendo comparações com uma divindade da mitologia escandinava, personificando-a como pura essência da sensualidade. O eu lírico, eufórico, sente o ardor e o desejo, porém não visualiza nos olhos dela a chama do amor. Os olhos são plenos de vivacidade e brilham como espelhos, entretanto, como esses, não refletem os sentimentos e a paixão. A sensualidade fria eleva a musa à condição de uma bela peça de mármore, divina, porém, sólida e fria, características que a mantém presa a essa significação. Bárbara permanece à mercê do vento, como uma harpa eólia, na esperança de que ele a toque por inteira.

Um dorso de Valquíria¹... alvo de bruma,
Pequenos pés sobre infantis artelhos,
Olhos vivos, tão vivos como espelhos,
Mas como eles também sem chama alguma;

Harpa eólia a esperar que o vento a fira,
— Um pedaço de mármore divino...
— É o retrato de Bárbara — a Hetaíra². —

¹ Valquíria: Na mitologia escandinava refere-se a cada uma das três divindades mensageiras de Odín, deus da guerra e da sabedoria, que recolhiam nos campos de batalha os heróis mortos.

² Hetaíra: Prostituta, Hetera.

Os versos dedicados às duas sombras que aparecem juntas, Cândida e Laura, são completamente diferentes, neles percebe-se a suavidade da linguagem, enriquecida com elementos significativos que remetem à pureza e à serenidade virginal das musas. Os elementos que compõem o quarteto carregam essa significação, como “os alvos cisnes e os nenúfares”, representando a cor branca. A paisagem em que eles atuam remete a idéia de tranqüilidade, “tanque de um palácio” e “azul do lago”. Além dessas particularidades, o poeta propositalmente nomeia uma delas como Cândida, nome cujo significado remete a alvura e ingenuidade. Todavia, no verso “crianças que trazeis-me a primavera...”, claramente ele se refere à natureza pueril dessas mulheres que, certamente, o conduzem a uma lembrança de infância, representada pelo vocábulo “primavera”.

Como no tanque de um palácio mago
Dois alvos cisnes na bacia lisa,
Como nas águas que o barqueiro frisa,
Dois nenúfares³ sobre o azul do lago,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,
Crianças, que trazeis-me a primavera...
Crianças, que lembrais-me as andorinhas

Apesar dessa referência a infância a sensualidade e o erotismo são também características marcantes nos versos do poeta. Ele descreve a beleza corporal da mulher de maneira natural, com uma linguagem carregada de imagens, sugerindo a verossimilhança das cenas descritas. Tal peculiaridade faz brotar, do seu eu-lírico, versos muito calorosos que chegam a sugerir a volúpia (LAJOLO; CAMPEDELLI, 1980: p.102), como os descritos a seguir retirados do mesmo poema.

O seio virginal, que a mão recata,
Embalde o prende a mão...cresce, flutua...
Sonha a moça ao relento... Bate a lua...
Prelúdia um violão na serenata!...

Corrobora essa característica o fato de o sentimentalismo presente no soneto a Ester ser extremamente sedutor, despertando no leitor uma reação sensorial. Nele, ocorre um apelo aos sentidos e, em apenas um terceto, três deles são mencionados: o olfato, a audição e a visão. No que se refere ao olfato, esse sentido é observado quando o eu-lírico se separa da amada e percebe que dela somente lhe restou o perfume: “Só me resta um perfume...”. As reticências, no final da afirmação, denunciam a abstração do poeta, como se a fragrância penetrasse em sua alma. Com a audição, no mesmo verso, ainda inebriado pelo aroma, sua memória revive o

³ Nenúfares: Aguapés brancos.

som de “um canto...”, provavelmente da voz aveludada de Ester. O último sentido observado é a visão, por meio da qual o eu lírico persegue “um rastro” da mulher amada, que não faz mais parte de seu presente. Em todos, observa-se o emprego das reticências que reforçam a idéia de continuidade, ilustrando que o eu-lírico devaneia enquanto canta, convidando o leitor a uma viagem ao seu íntimo, para que se visualize a cena do ponto de vista do poeta.

CONCLUSÃO

Com base no exposto, pode se afirmar que Castro Alves era emocionalmente movido pela forma feminina e, após a desvinculação do tema histórico abolicionista, mergulhou em uma fase lírica, na qual canta todas as formas da mulher com sentimento e sensualidade. O amor pela atriz Eugênia Câmara pode ter sido um dos fatores responsáveis pela mudança do seu estro, porém, associam-se a esse fato também os envoltimentos amorosos vivenciados pelo poeta. Esses colaboraram muito para a forma e o estilo maduro de sua poesia lírica.

Na literatura brasileira, apenas alguns críticos abordam essa face do poeta com riqueza de detalhes e mesmo assim dão mais ênfase aos versos inflamados de cunho oratório da fase abolicionista. Com a mesma genialidade e inspiração que ele retratou a saga do escravo, ele cantou a mulher. Porém, com suavidade e ao mesmo tempo contundente, sem a verbosidade da poesia retórica, transformou a musa idealizada em mulher real, materializada e capaz de despertar em suas poesias o devaneio e a volúpia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Antonio de Castro. **Espumas Flutuantes**. Indiana, Estados Unidos: O Estado de São Paulo/Klick Editora, 1999.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- LAJOLO, Marisa; CAMPEDELLI Samira. **Castro Alves, Literatura Comentada**. São Paulo: Editora Abril, 1980.
- MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1984.